

PEREIRA, Helena Bonito C. (Org.). *Ficção brasileira no século XXI*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009, 152p.

José Luiz Fiorin*

A crítica literária universitária é acusada de não se ocupar da literatura que se está fazendo, mas apenas da literatura já feita e tornada canônica. Essa afirmação é parcialmente verdadeira, mas não da maneira como é formulada. Com efeito, há autores do cânone que não gozam de nenhum favor da crítica universitária (basta lembrar os parnasianos) e autores que não pertencem a ele e, ainda assim, são valorizados pelos estudiosos da Universidade (observe-se, por exemplo, o caso de Helena Morley). Ademais, é nessa instituição que o cânon é discutido, posto em questão, relativizado. Por outro lado, o que parece ser real é que a crítica universitária, por sua especificidade, prefere trabalhar com totalidades fechadas, que se não podem mais modificar. Daí sua predileção pelos autores que já terminaram sua obra e não por aqueles cuja produção está em andamento e, portanto, podem alterar os juízos críticos realizados. Ademais, o distanciamento é considerado necessário para a análise rigorosa. O primeiro mérito da obra *Ficção brasileira no século XXI* é colocar-se na contramão dessa tendência, para debruçar-se, corajosamente, sobre um conjunto de obras ficcionais produzidas na primeira década deste século; por autores vivos, portanto, e, na maior parte dos casos, ainda jovens. Os analistas são um grupo de professores de Literatura da Universidade Mackenzie: Glória Carneiro do Amaral, Helena Bonito C. Pereira, Lílian Lopondo, Maria Luiza Guarnieri Atik, Maria Thereza Martinho Zambonim, Marisa Lajolo, Marlise Vaz Bridi e Wagner Martins Madeira. Cada um deles estuda uma ou mais obra ficcional de um dado autor contemporâneo: *Cinzas do norte* e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum; *Vista do Rio*, de Rodrigo Lacerda; *A história dos ossos*, de Alberto Martins; *Subsolo infinito*, de Nelson de Oliveira; *Longe da água*, de Michel Laub; *Mamma, son tanto felice*, de Luiz Ruffato; *Vésperas*, de Adriana Lunardi; *Duas praças*, de Ricardo Lísias. Esse volume pretende traçar um painel do que se está produzindo hoje na ficção brasileira.

As resenhas de jornais e revistas não se confundem com a análise que se pratica na Universidade. Aquelas são breves apresentações da obra: dão a conhecer alguns dados bibliográficos do autor e dão uma notícia sobre o enredo. Muitas vezes, nem sequer se faz uma avaliação do livro, como fazia a antiga crítica nos suplementos literários. A função da crítica universitária é diversa. Como ensina Antonio Candido, em *Literatura e sociedade*, ela não vai mostrar que o valor ou o significado de uma obra dependem de ela exprimir ou não uma dada realidade nem apenas as operações formais utilizadas pelo artista. Ao contrário, na compreensão da obra é preciso unir texto e contexto, na medida em que “o externo (...) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento

*Professor da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil; jolu@uol.com.br

que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (1975, p. 4). O mesmo crítico leciona que a “mimese é sempre uma forma de poiese” (1975: 12), ou seja, a *mimese* é uma construção, um efeito de sentido. É essa a grande função da crítica universitária: mostrar como a matéria se transforma em “fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo” (CANDIDO, 1975, p. 7).

Embora não haja, no livro organizado por Helena Bonito, um ensaio que pense a totalidade da literatura brasileira atual (talvez seja ainda muito cedo para fazer isso; é necessário que se acumulem estudos sobre os diferentes autores e suas obras), a leitura das diferentes análises permite pensar que sua matéria é certo ar do tempo, em que as identidades são móveis, difusas, flutuantes. Perderam sentido as grandes narrativas que direcionavam a ação política, o ser e o estar no mundo, as hierarquias e os sistemas normativos, as utopias e a compreensão do passado. A destruição das fronteiras é um fenômeno contemporâneo: as grandes entidades transnacionais, como a União Européia e o MERCOSUL, derrubaram as fronteiras econômicas, permitindo a livre circulação de bens e de capitais; a queda do muro de Berlim deitou abaixo uma linha semântica divisória entre duas visões de mundo, a famosa cortina de ferro; o espaço Shengen demoliu alfândegas e controles entre os Estados Nacionais. Além disso, estamos num tempo do elogio das margens, do descentramento, da alteridade, da heterogeneidade, do dialogismo, vivemos num tempo de mestiçagens e de imigrações, de recusa da pureza. Esse *Zeitgeist* leva a pôr em questão os narradores oniscientes, os gêneros bem definidos, os monolinguismos, as temporalidades bem ordenadas, os espaços bem distintos, etc. Por isso, outro grande valor dessa obra é mostrar como essa matéria se faz forma: pela construção de personagens desagregadas, pelos narradores perplexos ou frágeis, pela presença do duplo, pela justaposição imprevista de tempos e espaços ou por sua dissolução num contínuo, pelo estilhaçamento da ordem linear dos acontecimentos, pela mistura de gêneros, pela utilização dos chamados gêneros intercalares, pela multiplicidade de vozes dando diferentes versões de um mesmo acontecimento e pondo em xeque a noção de verdade, pela fragmentação da narrativa, pelo embaralhamento dos pontos de vista, pela substituição da causalidade pela justaposição, pelo plurilinguismo e assim por diante. O que o livro mostra é como a ficção brasileira contemporânea estrutura a expressão do descentramento que nos caracteriza.

A crítica universitária também é acoidada de valer-se de um jargão que a torna ilegível para qualquer pessoa que não pertença ao círculo dos iniciados. Drummond, em seu poema *Exorcismo*, faz uma demolidora avaliação de certa metalinguagem rebarbativa. Sem negar a importância e a necessidade da metalinguagem crítica, usada com parcimônia, outra qualidade desse livro é sua absoluta legibilidade. É uma obra que não exige iniciação para ser compreendida.

Como a literatura é uma forma de conhecimento da realidade, esse trabalho é indispensável não só para os que querem conhecer a ficção que se escreve hoje no Brasil, mas para todos aqueles que querem compreender nosso tempo, o mundo em que vivemos.